

O espaço como metáfora da condição feminina e migrante em Rupi Kaur

Space as a metaphor for the female and migrant condition in Rupi Kaur

Clara Luz Martins Vaz¹
Ana Maria Felipini Neves²

Resumo: Este artigo propõe uma análise do espaço enquanto metáfora da condição feminina e migrante na obra *o que o sol faz com as flores* (2018), da poeta indiano-canadense Rupi Kaur. Reconhecida por sua escrita marcada por temas como feminismo, trauma, imigração e cura, Kaur utiliza a espacialidade como elemento simbólico e estruturante de seus poemas. O texto investiga como diferentes tipos de espaço - físico, psicológico, social e geopolítico - são construídos nos poemas e como esses espaços contribuem para a construção do eu lírico, bem como para os sentidos de subjetividade, coletividade, memória e resistência presentes na obra. A fundamentação teórica apoia-se nos estudos sobre espaço literário desenvolvidos por Cláudia Barbieri (2009), Gaston Bachelard (1979), Oziris Borges Filho (2007) e Luis Alberto Brandão (2013). O trabalho defende que o espaço, mais do que cenário, atua metaforicamente como dispositivo de elaboração subjetiva e crítica, sendo essencial para a compreensão estética e simbólica da obra de Kaur.

Palavras-chave: Rupi Kaur; poesia contemporânea; espaço literário.

Abstract: This article proposes an analysis of space as a metaphor for the female and migrant condition in the work *the sun and her flowers* (2018), by Indo-Canadian poet Rupi Kaur. Recognized for her writing marked by themes such as feminism, trauma, immigration, and healing, Kaur uses spatiality as a symbolic and structuring element in her poems. The text examines how different types of space - physical, psychological, social, and geopolitical - are constructed in the poems and how these spaces contribute to the construction of the lyrical self, as well as to the senses of subjectivity, collectivity, memory, and resistance present in her work. The theoretical framework is based on studies on literary space developed by Cláudia Barbieri (2009), Gaston Bachelard (1979), Oziris Borges Filho (2007), and Luis Alberto Brandão (2013). The article argues that space, rather than functioning merely as a setting, acts metaphorically as a device for subjective and critical elaboration and is therefore essential for the aesthetic and symbolic understanding of Kaur's work.

Keywords: Rupi Kaur; contemporary poetry; literary space.

Introdução

“A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura.”
(Chimamanda Ngozi Adichie)

Rupi Kaur é escritora e ilustradora indiano-canadense que conquistou projeção internacional ao compartilhar seus poemas e ilustrações por meio da rede social *Instagram*. Atualmente, conta com quatro livros publicados, sendo eles: *outros jeitos de usar a boca* (2017), *o que o sol faz com as flores* (2018), *meu corpo minha casa* (2020) e

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7753050963537147>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5729-3467>. E-mail: claraluz.vaz@gmail.com.

² Doutora em Letras. Professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3151615714408079>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9150-3585>. E-mail: anafelipini@unir.br.

Cura pelas Palavras (2023). Seus textos são conhecidos por abordar temas como feminismo, trauma, relacionamentos amorosos, ancestralidade, imigração e cura.

Em seus poemas, frequentemente acompanhados de ilustrações autorais, Kaur adota um estilo particular de escrita: uso exclusivo de letras minúsculas e pontuação limitada aos pontos finais. Apesar de escrever em língua inglesa, segundo a autora (2025), as escolhas estilísticas seriam uma maneira de honrar sua cultura e língua mãe, o Punjabi³. O resgate das raízes culturais, enquanto mulher diaspórica Sikh Punjabi, traduz um gesto político de resistência, além de expressar esteticamente a ideia de igualdade, rompendo com os padrões tradicionais da língua do colonizador: a língua inglesa.

A configuração espacial também se destaca nos poemas, funcionando como elemento simbólico e estruturante, uma vez que os espaços assumem duas dimensões principais: o *físico*, sobretudo corporal e doméstico, de caráter *psicológico*, pois se torna um lugar de dor, refúgio e cura; e o *social e geopolítico*, relacionado à experiência do deslocamento, da diáspora, da exclusão social e da opressão de gênero. Esses diferentes planos espaciais não apenas ambientam os versos, mas funcionam como extensões do eu poético e como camadas narrativas que revelam, através de uma linguagem simbólica e metafórica, a identidade e subjetividade do sujeito.

Nesse sentido, nosso artigo tem como objetivo analisar as configurações dos espaços literários como metáforas da condição feminina e migrante em poemas selecionados da obra *o que o sol faz com as flores*. Esta coletânea é a segunda publicada por Rupi Kaur e reúne aproximadamente duzentos poemas que, em sua maioria, são acompanhados de ilustrações autorais. O livro é estruturado em cinco partes que funcionam como capítulos poéticos, intituladas: “murchar”, “cair”, “enraizar”, “crescer” e “florescer”. Os títulos fazem alusão ao ciclo de vida das flores e antecipam os temas predominantes em cada etapa da obra, simbolizando, respectivamente, o luto, a dor, o fortalecimento, o amadurecimento e a cura - tanto em nível pessoal quanto coletivo.

Buscamos compreender de que forma os diferentes tipos de espaço apresentados na obra são construídos e como contribuem para o efeito estético dos poemas, além dos sentidos que podem evocar. Para fundamentar nossas análises, recorreremos aos estudos

³ O sistema de escrita do Punjabi é realizado por meio do Shahmukhi ou Gurmukhi. Nesta última, não há distinção entre letras maiúsculas ou minúsculas, e a única pontuação existente é um ponto final, cujo símbolo é |

de Cláudia Barbieri (2009), Gaston Bachelard (1979), Ozíris Borges Filho (2007) e Luis Alberto Brandão (2013), cujas reflexões sobre o espaço literário oferecem suporte para a leitura dos poemas. Em um primeiro momento, será feita uma discussão teórica acerca do espaço para, em seguida, a partir das análises dos poemas, observar as dimensões corporal, doméstica, social e política deste elemento.

Este trabalho justifica-se em função de o espaço não ser apenas um pano de fundo na poesia de Rupi Kaur, mas um elemento metafórico que participa ativamente da construção de sentido. Ele permite compreender como são articuladas tensões ideológicas, sociais e subjetivas, funcionando, muitas vezes, como instrumento de resistência e meio de transformação do eu lírico na obra.

O espaço

O espaço é um conceito que abarca uma diversidade de abordagens e métodos interpretativos, o que também acontece com outros conceitos englobados por ele, como lugar, paisagem, natureza, território, entre outros (Borges Filho, 2007, p. 14). Por ser um conceito interdisciplinar, relacionado às ciências sociais, naturais e físicas, Cláudia Barbieri (2009) explica, em *Poéticas do espaço literário*, que o espaço pode ser categorizado como físico, geográfico, social, histórico, simbólico, literário, urbano, psicológico, dentre outros. Para a autora, a interdisciplinaridade do estudo se estende ao espaço literário, posto que, na narrativa, este exerce uma função que vai além da mera descrição e contextualização - ainda que estas sejam necessárias para operar o efeito de verossimilhança. Ele também funciona como uma “cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a subjetividade e a interpretação” (Barbieri, 2009, p. 105). Desse modo, a configuração espacial da narrativa participa ativamente na construção de sentido no texto literário, deixando de ser apenas um cenário dos acontecimentos para tornar-se um elemento simbólico e dinâmico na estrutura textual.

Na poesia, em particular, a interpretação do espaço exige uma atenção especial à simbologia que seus elementos podem desempenhar no texto. Conforme propõe Barbieri (2009), ainda que sua análise dialogue com a narrativa de romances, os princípios da composição espacial também se aplicam à poesia, uma vez que esta estrutura-se pela integração entre enunciado, ritmo, imagem e sentidos. Dado que o espaço poético não é apenas uma ambientação, mas uma dimensão significativa que

contribui para a construção simbólica do texto, na poesia ele pode refletir experiências sensíveis, individuais e coletivas, demonstrando como os espaços físico, psicológico, geopolítico e social se articulam na tessitura dos poemas, para evocar sentidos e expressar temas como trauma, cura, deslocamento e resistência - como é o caso da poesia de Kaur.

Teóricos como Ozíris Borges Filho (2007) e Luis Alberto Brandão (2013) compreendem que o espaço não é uma entidade neutra ou objetiva, mas algo que se constitui a partir de relações imaginativas e subjetivas. Para Brandão, por exemplo, o espaço não possui unicidade e nem evidencia a si mesmo; pelo contrário, é marcado pela instabilidade: “há sempre o risco de que o que se toma por conhecido se apague, de que os elementos determinados percam a determinação” (2013, p. 9). Dessa forma, Brandão entende o espaço como elemento dinâmico, além de ser um “sistema de organização e de significação” (Brandão, 2013, p. 35). Borges Filho (2007, p. 17), ao se debruçar sobre a natureza e a realidade do espaço, conclui o seguinte:

Quando falamos de espaço, referimo-nos tanto aos objetos e suas relações como ao recipiente, isto é, à localização desses mesmos objetos. Além disso, nunca podemos esquecer o observador a partir do qual aquelas relações são construídas na literatura. Assim, ao analisarmos um espaço qualquer, por exemplo, casa, navio, escola, etc., não podemos nos esquecer dos objetos que compõem e constituem esse espaço e de suas relações entre si e com as personagens e/ou narrador. Continente, conteúdo e observador são partes integrantes de uma topoanálise, pois é a junção desses três elementos que forma o que se entende por espaço.

Desse modo, o espaço configura-se como uma construção simbólica, resultante das relações entre personagens, objetos e observador. Em uma análise do espaço literário, o autor aponta que, mesmo os elementos mais insignificantes, devem ser considerados enquanto objeto de reflexão. No campo literário, o espaço deixa de ser um mero cenário para se tornar elemento estruturante da narrativa, atravessado por possibilidades significativas, subjetivas e simbólicas.

Essa compreensão do espaço enquanto dimensão simbólica dialoga com a proposta de Gaston Bachelard (1979), para quem o espaço não deve ser analisado apenas em sua materialidade, mas na relação estabelecida com o ser humano e sua capacidade de abrigar imagens poéticas advindas de uma “ontologia direta” (Bachelard, 1979, p. 183) – que emergem da memória, da imaginação e da experiência interior. Em

A *poética do espaço*, Bachelard propõe uma leitura fenomenológica do espaço, destacando a força simbólica de lugares como a casa, o quarto, a gaveta ou o canto, que se tornam metáforas da intimidade, do abrigo e da subjetividade, nos quais o eu lírico se reconhece, se abriga ou se expande. Mais uma vez, entende-se que o espaço poético não se limita à função de ambientação, mas se constitui como um território simbólico e afetivo, construído pela imaginação e pela experiência sensível do eu poético.

A casa, especificamente, é entendida por Bachelard (Bachelard, 1979, p. 200) como um mundo próprio e particular de cada sujeito, sendo o “primeiro universo” ou “cosmos” do ser humano. O autor explica que

[...] é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que freqüentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que esse fato é um valor, um grande valor ao qual voltamos em nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa (Bachelard, 1979, p. 202).

Desse modo, compreendemos que a casa constitui um espaço originário e psíquico no qual são integrados e centralizados todos os pensamentos, memórias, sentimentos e devaneios da subjetividade humana e sua relação com o mundo. Na poesia de Kaur, a imagem da casa é latente e surge com recorrência, especialmente como metáfora para o corpo feminino, concebido como o “primeiro universo” da mulher - um lugar de abrigo e origem que muitas vezes é violado e por ela reivindicado. Em seus poemas, o corpo não é apenas espaço físico, mas um território simbólico que carrega experiências de dor, ancestralidade, cura e pertencimento. O terceiro livro da autora, *meu corpo minha casa*, é dedicado a esta temática, como fica explicitado nos versos a seguir: “mergulho na nascente do meu corpo / e chego a outro mundo / eu tenho tudo / de que preciso aqui dentro / não há motivo para procurar / em outro lugar / - casa” (Kaur, 2020,

p. 160, grifo da autora). Nesse poema, o corpo é apresentado enquanto espaço íntimo, profundo e autossuficiente, nomeado ao final como “casa”. Assim como a casa para Bachelard, o corpo apresentado no poema de Kaur funciona como metáfora para a origem, o abrigo e a expressão do ser.

Além da perspectiva espacial da casa e do corpo, a poesia de Kaur também abarca camadas políticas e sociais. São recorrentes os poemas que abordam, através da espacialidade, o tema da expatriação, da migração, da opressão de gênero e da exclusão social. Para Borges Filho (2007), conceitos como território e fronteira podem auxiliar na compreensão de espaços que resgatam esses temas. No caso do território, possibilita-se a “análise das relações de poder na obra literária” (Borges Filho, 2007, p. 29) e, no caso da fronteira, a impenetrabilidade de determinados espaços, “pois a fronteira é ao mesmo tempo o espaço da separação e também o ponto de contato entre os dois subespaços” (Borges Filho, 2007, p. 104) - subespaços que podem ser de ordem física, social, psicológica, ideológica, econômica etc.

O espaço corporal e doméstico

Em *o que o sol faz com as flores*, a imagem da casa é uma metáfora recorrente do corpo feminino, concebido como espaço originário, simbólico e subjetivo, onde se inscrevem a dor, a memória e a reconstrução. Em um dos poemas iniciais, a autora traz o espaço doméstico como um símbolo de defesa e reclusão:

enfiei um pano debaixo de cada porta
fora eu disse ao vento
não vou precisar de você
fechei cada cortina da casa
vá eu disse à claridade
aqui ninguém entra
aqui ninguém sai

- *cemitério*
(Kaur, 2018, p. 16).

O poema apresenta uma estrutura visual enxuta, dividida em versos curtos, sem uso de pontuação tradicional e com o título assinado ao final, o que é característico do estilo de Kaur. O ritmo é pausado e reflexivo, guiado por versos livres e organizados em uma sequência de ações: “enfiei um pano”, “fechei cada cortina”, “aqui ninguém entra”,

“aqui ninguém sai”. A linguagem é simples e direta, com ausência de rimas ou métrica regular, o que desloca o foco da musicalidade para o conteúdo imagético, que possui forte carga expressiva e simbólica. As figuras do “vento” e da “clareza” são personificadas como forças externas associadas à vida, ao movimento e à luz, aqui recusados com imperativos frios – “fora”, “vá”. Essas escolhas semânticas e sintáticas reforçam a recusa da vida e do contato com o mundo externo, o que se consolida a partir da assinatura do poema com a palavra “cemitério”, termo-chave para a leitura do texto.

A casa torna-se então um “cemitério” simbólico, espaço de silêncio e luto, um lugar vedado, onde não se entra nem se sai. A dimensão metafórica do espaço se intensifica, uma vez que a casa é apresentada como um território fechado, sugerindo uma tentativa de isolamento total e uma morte simbólica do eu, que se fecha em si mesmo, rejeitando o vento, a luz e qualquer contato com o exterior, como quem ergue uma barreira entre sua dor interna e a vida externa. Essa metáfora do eu/casa reforça o espaço doméstico como lugar de experiências psíquicas profundas, que abriga tanto a memória do trauma quanto a tentativa de refúgio. A casa assume uma dimensão simbólica de fuga e dor, funcionando como extensão do eu, tal qual propõe Bachelard (1979). Além disso, a casa pode ser “um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (Bachelard, 1979, p. 208), o que permite compreender como, ao isolar-se do vento e da luz, o sujeito ferido constrói um espaço físico e psíquico de proteção por meio da arquitetura simbólica da casa.

Da mesma forma, no poema “casa”, a autora adota o espaço doméstico como metáfora para abordar o eu, que dessa vez é o corpo feminino violado. Após um episódio de abuso sexual, a voz poética busca a reapropriação do seu corpo, apresentado a partir da arquitetura de uma casa.

Vale lembrar que, ao longo da história, a mulher não teve autonomia sobre o próprio corpo, a ponto de muitos homens se sentirem no direito de usá-lo de acordo com sua vontade, sem levar em conta as consequências psíquicas para a mulher.

Sob a perspectiva de Chandra Talpade Mohanty, ser mulher tem “consequências políticas”, na medida em que as instituições sociais e relações de poder do mundo em que vivemos se estruturam a partir de sexismo, racismo, misoginia e heterossexismo, os quais “conduzem ao ódio contra as mulheres e à violência (supostamente justificada) contra elas” (2003, p. 3, tradução nossa). No poema, essas estruturas aparecem de

maneira implícita através da imagem da casa violada, em que a violação não é apresentada como exceção, mas como uma realidade integrada ao cotidiano feminino.

[...]

cansei de decorar a sala com a sua desonra
como se fosse minha
é pesado demais andar pela rua
com o que as suas mãos fizeram
e não foram as minhas
a verdade me vem de repente – depois de anos de tempestade

[...]

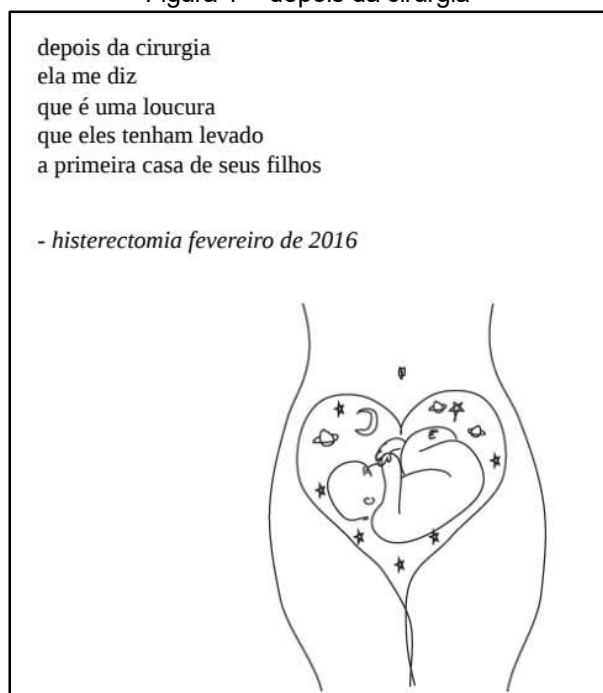
vim ao mundo com esta casa
foi a primeira casa
vai ser a última casa
você não pode levá-la
não tem espaço para você
nem tapete na entrada
nem quarto de visita
abro todas as janelas
deixo o ar entrar
coloco um vaso de flores
no meio da mesa da cozinha
acendo uma vela
encho a lava-louças com todos os meus pensamentos
até que fiquem imaculados
limpo os armários
e depois
quero entrar na banheira
lavar o ontem dos meus cabelos
decorar meu corpo com ouro
escolher uma música
relaxar
botar os pés para cima
e aproveitar
esta tarde de quinta-feira típica
(Kaur, 2018, p. 71-72).

A forma do poema mantém o estilo de escrita característico da autora, com fluxo narrativo em tom confessional e introspectivo. A casa, nesse contexto, é metáfora do corpo da mulher, que passou a carregar a marca da violação e agora é ressignificado em tom de autocuidado. O gesto de fechar as portas ao agressor e abrir janelas para o ar e a luz, acender as velas e entrar na banheira opera uma inversão simbólica do poema “cemitério”, pois, neste caso, o espaço se transforma de lugar de trauma e isolamento em

lugar de reconstrução e libertação. A casa-corpo apresentada resgata a ideia de que a casa seria o primeiro lugar do ser no mundo – “vim ao mundo com esta casa / foi a primeira casa / vai ser a última casa” –, tal como aponta Bachelard (1979).

Essa perspectiva simbólica também surge no poema “depois da cirurgia” (Figura 1), no qual o corpo feminino - especificamente o útero - é definido como “a primeira casa de seus filhos” (Kaur, 2018, p. 129), reforçando a ideia do corpo como lugar de origem.

Figura 1 - “depois da cirurgia”



Fonte: Kaur (2018, p. 129)

O poema, assinado com a palavra “*hysterectomia*”, aborda a cirurgia para retirada do útero, apresentado como o primeiro abrigo dos filhos. Sua perda não é apenas física, mas indica, também, a despedida de um espaço simbólico que representa a origem e a possibilidade da vida. A imagem reforça a ideia do corpo feminino como casa biológica, ao trazer, no lugar do útero, um coração que abriga o feto, cercado por estrelas, planetas e luas – o que fortalece a concepção do ventre como um “cosmos” íntimo. A data inscrita na assinatura do poema (“*fevereiro de 2016*”) funciona como um registro memorial, um gesto de respeito à perda do potencial criador da mulher. O poema apresenta essa intervenção cirúrgica como um acontecimento marcante na trajetória da voz que dialoga com o sujeito lírico, que implica na ressignificação do corpo feminino e seu papel materno.

Seguindo a metáfora do corpo enquanto casa, surgem poemas como “olhe para o seu corpo” (Figura 2) e “foi quando desisti de procurar uma casa dentro das pessoas” (Figura 3).

Figura 2 - “olhe para o seu corpo”



Fonte: Kaur (2018, p. 209)

Figura 3 - “foi quando desisti de procurar uma casa dentro das pessoas”



Fonte: Kaur (2018, p. 215)

Nos poemas apresentados nas Figuras 2 e 3, Kaur constrói o corpo como um espaço simbólico de pertencimento, articulando palavra e imagem para reforçar o vínculo entre subjetividade e espacialidade. Em “olhe para o seu corpo / sussurre”, os versos são breves, intimistas e imperativos, com uma simplicidade formal que reforça o tom direto e afetuoso da mensagem. O poema funciona como um chamado à autoaceitação, agradecimento e reencontro com o próprio corpo, apontado como o único espaço autêntico de habitação: *“não há casa igual a você / - obrigada”*. A ilustração que acompanha o texto mostra um corpo humano que abriga em seu interior a arquitetura de uma casa, remetendo visualmente à ideia do corpo como casa. Esse diálogo entre texto e imagem potencializa o sentido espacial do poema, sugerindo que o corpo é ao mesmo tempo habitação e estrutura viva, uma casa orgânica que floresce e abriga.

Já em “foi quando desisti de procurar uma casa dentro das pessoas”, a metáfora da casa interior ganha profundidade existencial e psicológica. A voz poética relata um processo de empoderamento e autossuficiência: após buscar abrigo no outro, ela funda, dentro de si, um espaço de reconexão consigo mesma. O poema apresenta um ritmo mais fluido e discursivo, com encadeamento sintático que traduz um processo contínuo de descoberta – do exterior ao interior, da dependência à autonomia e ao autoconhecimento.

A ilustração, com raízes e flores brotando de um corpo, traduz visualmente esse processo de cultivo e crescimento do eu, revelando o espaço como dimensão psíquica e território subjetivo entre o corpo e a mente. A espacialidade é interiorizada, evidenciando o corpo como lugar de transformação, pertencimento e libertação. Vale destacar aqui o resgate da cultura de origem da autora, uma vez que a figura do corpo na ilustração que acompanha o poema parece estar em posição de meditação – remetendo a práticas da cultura indiana.

Ambos os poemas resgatam uma poética do corpo como espaço de habitação de si, contrariando noções convencionais de casa apenas como local físico e externo. A espacialidade proposta por Kaur rompe fronteiras entre o íntimo e o arquitetônico, oferecendo uma “cartografia simbólica” do sujeito, em que o próprio corpo se torna a única morada possível diante de um mundo que, muitas vezes, opera através da exclusão, da rejeição e do silenciamento.

A casa – e por extensão o corpo – se torna uma estrutura fundadora da identidade, um espaço que forma não apenas nossas lembranças, mas também nosso modo de

sentir, reagir e sonhar. Essa perspectiva é fundamental para pensar a relação entre espaço e subjetividade, especialmente na poesia de Rupi Kaur, onde o corpo é frequentemente apresentado como a “casa natal”, sensível e orgânica, marcada por experiências que, como na proposta de Bachelard (1979, p. 206), são vividas e “fisicamente inscrita em nós”.

Além das imagens da casa, o espaço poético de Kaur pode indicar questões sociais que abarcam a opressão de gênero, como no poema abaixo.

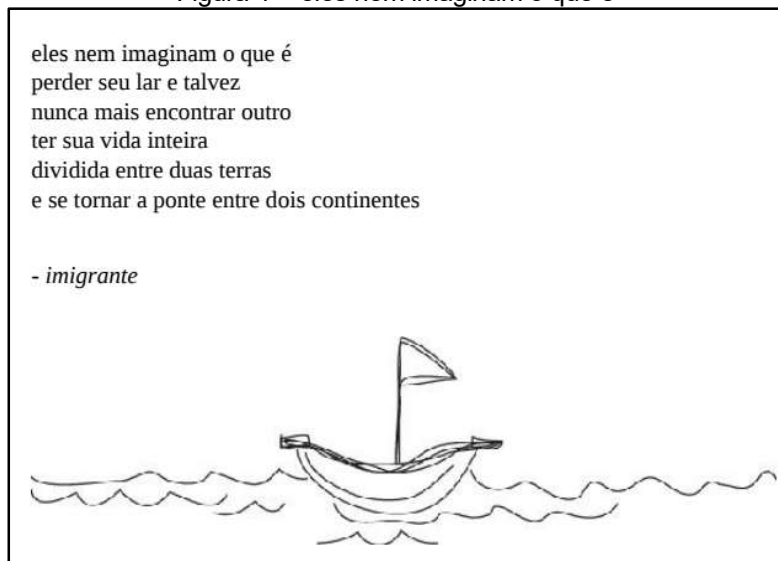
nos jogaram num fosso
para que nos matássemos e eles não
nos deixaram tão esfomeadas por espaço
que acabamos comendo vivas umas às outras...
ergue a cabeça ergue a cabeça ergue a cabeça
para vê-los olhando para nós com desdém
não podemos mais competir entre nós
porque o monstro de verdade é muito grande
para derrubarmos sozinhas
(Kaur, 2018, p. 236).

Este poema apresenta um espaço metafórico, que assume aspectos sociopolíticos ao denunciar a opressão de gênero vivida por mulheres, que são colocadas umas contra as outras. O espaço simbólico do fosso – que implica uma atmosfera de medo, exclusão e confinamento – representa o lugar projetado para instaurar a rivalidade feminina. A fome por espaço e o ato antropofágico de comer umas às outras revelam a disputa por visibilidade e voz, além do desespero frente a uma sociedade que nega às mulheres os direitos e privilégios desfrutados pelos homens e impõe a autodestruição feminina. O uso da repetição “ergue a cabeça ergue a cabeça ergue a cabeça” enfatiza a necessidade de união e sororidade para que as mulheres possam vencer o “monstro” do machismo, da misoginia e do patriarcalismo.

O espaço geopolítico e social

A experiência do espaço na poesia de Rupi Kaur também atravessa a fronteira do corpo e da casa para alcançar dimensões geopolíticas e identitárias. No poema “eles nem imaginam o que é” (Figura 4), a poeta evoca o trauma do deslocamento e a perda do lar como um rompimento profundo com o lugar de origem: “perder seu lar e talvez / nunca mais encontrar outro”.

Figura 4 - “eles nem imaginam o que é”



Fonte: Kaur (2018, p. 119)

A condição do imigrante é marcada por uma vida “dividida entre duas terras”, línguas e culturas diversas, na qual o sujeito torna-se uma “ponte entre dois continentes”. O lar perdido nunca mais é reencontrado, e o sujeito, ao transformar-se em ponte, simboliza a condição de quem não pertence totalmente a lugar algum. Assim, no poema, o lar não representa um ponto de partida estável, mas carrega o peso da migração forçada e a ausência de uma noção de pertencimento. A imagem do barco no mar reforça visualmente a vulnerabilidade imigrante – sujeitos “flutuantes”, sem terra – em sua busca contínua por um lugar onde possam ancorar. Além disso, a ausência de margens ou terra firme na ilustração aponta para o espaço de suspensão habitado pelo sujeito imigrante, que transita entre dois lugares, mas não consegue fazer parte de nenhum.

O poema acima evidencia como o espaço poético pode expressar não apenas geografias externas e físicas, mas também realidades sociais atravessadas pelo deslocamento, diásporas e reconstrução identitária, assumindo caráter geopolítico ao indicar a experiência da exclusão e do exílio vivida por expatriados em território estrangeiro. A noção de território, segundo Borges Filho (2007, p. 29), permite uma análise das relações de poder na obra literária e as desigualdades que as cercam. Para ele (Borges Filho, 2007, p. 30), a ideia de poder “[...] determina a relação entre pessoas, estabelecendo uma separação entre dominantes e dominados. Aqueles que têm e aqueles que não têm poder.” Nos poemas de Kaur, essas relações de poder podem ser identificadas a partir da experiência da mulher imigrante (dominada) em um país

estrangeiro (dominante), no qual o território migratório é transformado em um espaço simbólico de resistência.

O exílio, nesse contexto, não é apenas físico, mas emocional e identitário: suas palavras recuperam fragmentos de uma terra natal perdida e reivindicam o pertencimento, mesmo em territórios hostis. Desse modo, a experiência do exílio em Kaur é ressignificada como potência poética: não se trata apenas de narrar o trauma da migração, mas de criar um espaço lírico de escuta e cura, onde o sujeito poético pode reconstruir sua identidade por meio da linguagem e da memória.

Além de atuar como um espaço simbólico de resistência, na poética de Kaur, o espaço migratório é apresentado como um território fragmentado, no qual a memória assume centralidade. No poema “deixar seu país” (Figura 5), a perda da terra natal se traduz em um espaço afetivo e ausente, que persiste como memória cultural e desejo de reconexão.

Figura 5 - “deixar seu país”



Fonte: Kaur (2018, p. 123)

A saudade do país natal é indicada quando a mãe do eu lírico tenta reencontrar sua cultura “nos filmes estrangeiros e na prateleira de importados”. Para Bachelard (1979, p. 248), imagens como a da prateleira, além de indicar a ideia de memória, “são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta”, representando a intimidade do sujeito. Quando a mãe busca por alimentos de origem indiana na prateleira de importados – como o gengibre e a pimenta presentes na ilustração –, entende-se que é uma tentativa de

resgate da sua memória cultural, um lado quase secreto da vida da figura materna. Deixar o país é um ato que transforma radicalmente a experiência do espaço: ele se torna perdido fisicamente, mas presente de modo permanente enquanto falta, habitando a memória, e não mais o meio externo.

Essa tentativa de resgate da memória cultural a partir de ações cotidianas, como o preparo de comida, revelam um ato de resistência diante da perda do país de origem. Nesse sentido, a poesia de Kaur também se torna uma poesia de enfrentamento, sobretudo ao questionar os limites impostos pelas barreiras físicas e sociais criadas pelo homem. No poema “fronteiras” a autora tece uma crítica sobre esse tema:

fronteiras
são criação do homem
só nos separam fisicamente
não deixem que elas nos
coloquem uns contra os outros

- *não somos inimigos*
(Kaur, 2018, p. 128).

Borges Filho (2007, p. 103) caracteriza a fronteira como um espaço paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que separa, ela é, também, um ponto de encontro de dois subespaços, diferentes em nível social, físico ou ideológico. Essa concepção dialoga diretamente com o poema de Kaur, que denuncia a artificialidade dessas fronteiras – “são criação do homem” – e propõe sua superação simbólica ao afirmar “*não somos inimigos*”. A autora sugere que, apesar das divisões físicas e culturais, existe uma possibilidade de união e reconhecimento mútuo entre a humanidade. No poema, o espaço fronteiro deixa de ser apenas barreira e passa a ter potencial de abertura e escuta, desafiando o leitor a repensar os limites entre o “nós” e os “outros”.

Em “de repente todos somos imigrantes” (Figura 6), Kaur amplia a condição do imigrante a um plano universal, revelando que a troca constante de lugares marca a vida daqueles que buscam por pertencimento e uma vida melhor, mas que, para isso, precisam abdicar de tudo que é familiar.

Figura 6 - “de repente todos somos imigrantes”

de repente todos somos imigrantes
trocando uma casa pela outra
primeiro trocamos o ventre pelo ar
depois o subúrbio pela cidade imunda
em busca de uma vida melhor
mas alguns de nós abandonam sua terra por completo



Fonte: Kaur (2018, p. 131)

Apesar de ser linguisticamente econômico, o poema traz palavras com densidade simbólica, que indicam os diversos deslocamentos que sofremos ao longo da vida – de uma casa a outra, do ventre ao ar, do subúrbio à cidade imunda. A imagem que acompanha o texto potencializa o significado das experiências de perda e recomeço enquanto ciclos que fazem parte da trajetória humana. O poema resgata novamente a questão da migração, ao indicar que alguns “abandonam sua terra por completo”. O espaço torna-se instável, existencial, e a imagem amplia o sentido para abarcar os sujeitos que abrigam espaços/identidades fragmentadas dentro de si. Assim como em poemas anteriores, o espaço diaspórico aparece como um entre-lugar: ora físico, ora psicológico, ora geopolítico, mas sempre atravessado por rupturas, faltas e uma tentativa contínua de reconstrução identitária.

Vimos que a poesia de Rupi Kaur evidencia como o espaço, em suas múltiplas dimensões – física, afetiva, simbólica e política –, constitui-se em elemento central na construção da subjetividade migrante e feminina. Seus poemas transformam experiências de deslocamento, exclusão e dor em linguagem poética carregada de resistência e reconstrução identitária. A espacialidade na obra de Kaur não é fixa nem neutra, mas atravessada por fronteiras visíveis e invisíveis, onde a memória e a ancestralidade se entrelaçam na busca por pertencimento. Ao representar o espaço como um entre-lugar e denunciar as estruturas de poder que o moldam, Kaur não apenas retrata a condição do exílio, mas propõe um espaço de escuta, reconexão e transformação.

Considerações finais

Este artigo demonstrou que, na obra *o que o sol faz com as flores*, o espaço assume papel crucial na construção de sentidos poéticos, ultrapassando a função de cenário, para se configurar como elemento simbólico, subjetivo e político. A análise evidenciou que o espaço é construído de forma multifacetada, abrangendo as dimensões corporal, doméstica, social e geopolítica. O corpo e a casa aparecem como espaços de dor e recolhimento, mas também como lugares de reconstrução e pertencimento. Assim, esses espaços, inicialmente físicos, assumem caráter psicológico, pois representam o interior do sujeito a partir do exterior que o cerca.

Já os espaços sociais e geopolíticos revelam experiências de deslocamento, exclusão e resistência, especialmente relacionadas à condição da mulher e do migrante. Essa vivência do deslocamento e da perda do lugar de origem, tão presente na poesia de Kaur, não se limita ao espaço externo ou geográfico, ela se projeta para dentro do corpo, que se transforma em território simbólico e psíquico da memória, da resistência e da reconstrução. A impossibilidade de habitar plenamente um país ou um lar leva o sujeito poético a voltar-se para si, transformando o próprio corpo em abrigo.

Com base nas teorias de Bachelard, Barbieri, Borges Filho e Brandão, observou-se que o espaço literário na poesia de Kaur não é estático nem neutro, mas sim uma construção simbólica e afetiva que participa da estrutura e do significado dos poemas. A autora utiliza o espaço como forma de expressar subjetividades marcadas por traumas, memórias e lutas para consolidar uma identidade. Do mesmo modo, o espaço na obra de Kaur torna-se um elemento essencial para a compreensão estética e crítica dos poemas, funcionando como meio de representação da subjetividade e da resistência frente às opressões individuais e coletivas.

Portanto, artigos como este contribuem para os estudos literários, ao evidenciar o caráter metafórico que o espaço adquire na construção poética. Ao destacar o papel do espaço como ferramenta de construção subjetiva e crítica, o texto amplia o entendimento sobre as formas como a literatura articula experiências individuais e coletivas, oferecendo uma base para novas investigações sobre espacialidade, identidade e resistência na poesia atual.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: BACHELARD, Gaston. *Os Pensadores*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultura, 1979. p. 181-354.
- BARBIERI, Cláudia. Arquitetura literária: sobre a composição do espaço narrativo. In: BORGES FILHO, Oziris; BARBOSA, Sidney (orgs.). *Poéticas do espaço literário*. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2009. p. 105-126.
- BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura*: introdução à toponímia. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BRANDÃO, Luis Alberto. O espaço na teoria da literatura. In: BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo/Belo Horizonte: Perspectiva/FAPEMIG, 2013. p. 17-45.
- KAUR, Rupi. *Cura pelas palavras*. Tradução de Luisa Geisler. São Paulo: Planeta, 2023.
- KAUR, Rupi. *meu corpo minha casa*. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2020.
- KAUR, Rupi. *o que o sol faz com as flores*. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2018.
- KAUR, Rupi. *outros jeitos de usar a boca*. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2017.
- KAUR, Rupi. My Story. *Rupi Kaur*, [s.l.], 2025. Disponível em: <https://rupikaur.com/>. Acesso em: 1 jun. 2025.
- MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism Without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Durham: Duke University Press, 2003.

Recebido em: 16/01/2026

Aceito em: 21/04/2026